

Foto: Cyro Paulino da Costa

A evolução da alfacultura brasileira

A alface (*Lactuca sativa* L.) é a hortaliça folhosa de maior importância no Brasil com uma área plantada de aproximadamente 35.000 ha. Seu cultivo é de maneira intensiva e geralmente praticado pela agricultura familiar, responsável pela geração de cinco empregos diretos por hectare. Entre as mudanças implantadas no cultivo da alface, a tecnologia de produção de mudas com o uso de sementes peletizadas, bandejas e substratos é a mais importante. Até meados da década de 80, a produção de alface foi baseada na utilização de mudas de raízes nuas, requerendo um cultivo intensivo. Convém destacar que o uso de sementes peletizadas agregou valor e facilitou a produção de mudas. Atualmente, o mercado sementeiro de alface é estimado em torno de US\$ 2.000.000,00/ano. Merecem destaque também a utilização do *mulching* como bagacilho de cana e/ou plástico. A técnica de cultivo por hidroponia tem sido difundida e a comercialização da alface hidropônica é feita de maneira diferenciada. Especificamente para o segmento de *fast foods*, a tecnologia de produção e pós-colheita, tem sido uma das mais avançadas no cultivo desta folhosa com uso de cobertura de plástico, fertirrigação por gotejo e refrigeração do produto pós-colheita até a fase de processamento.

Uma das grandes mudanças na alfacultura brasileira foi a adoção da alface crespa tipo ‘Grand Rapids’ em detrimento da tradicional tipo lisa. Até início dos anos 80, o padrão da alface consumida no Brasil era alface lisa, tipo ‘White Boston’. Importantes contribuições no desenvolvimento varietal foram feitas neste período, notadamente, pelo Instituto Agronômico de Campinas, com o lançamento das cultivares da série Brasil e pelo Instituto de Genética (USP/ESALQ) com a cv. Regina. Foram as últimas cultivares de alface liberadas pela pesquisa pública. As pesquisas de melhoramento praticadas pelas empresas privadas do setor de sementes, possibilitaram a liberação de importantes cultivares como Elisa, Luisa, Karla e Lídia. Atualmente, a alface lisa vem gradativamente reduzindo seu espaço, correspondendo a menos de 10% do mercado.

O segmento de alface predominante no Brasil é do tipo crespa, com 70% do mercado. Seu sucesso se deve ao fato de não formar cabeça, com folhas flabeladas que facilita seu transporte e manuseio durante a comercialização. A alface tipo crespa tem maior adaptabilidade para o cultivo de verão, em contraste com o tipo lisa. O segmento de alface crespa evoluiu graças ao seu melhoramento visando pendoamento lento, característica fundamental para o cultivo de verão ou em áreas de temperatura elevada. Assim, a partir da alface ‘Grand Rapids’ houve uma seqüência de mudanças varietais para ‘Brisa’, depois ‘Verônica’ e atualmente ‘Vera’, atual líder do mercado. A demanda no segmento de alface crespa é para cultivares de pendoamento lento, porte grande de plantas e resistência ao vírus do mosaico da alface (LMV) e míldio (*Bremia lactucae*). A preferência da alface tipo crespa no Brasil é um fato único em relação à alfacultura mundial.

A alface tipo americana tem mostrado o maior crescimento no Brasil, ocupando 15% do mercado. Foi promovida nos últimos 12 anos, inicialmente para atender às redes de *fast foods*, mas sua preferência tem aumentando também

pelos consumidores. O cultivo da alface americana foi viabilizado graças ao notável comportamento da cv. Lucy Brown no verão. Destacou-se pela sua extraordinária adaptabilidade durante 12 sucessivos cultivos no verão, tendo sido a mais viável entre dezenas de outras alfases americanas. A maioria das cultivares de alface americana adaptam-se ao cultivo em áreas e/ou épocas de temperatura amena. O surgimento da murchadeira, causada pelo fungo *Thielaviopsis basicola*, tem limitado o cultivo da ‘Lucy Brown’, no verão, além do míldio no período de temperatura amena. A demanda para alface americana tropicalizada, com resistência a murchadeira, míldio e doenças foliares bacterianas é grande, visando atender a alfacultura brasileira.

Existe um mercado crescente e promissor para outros segmentos varietais como alface vermelha que tem demonstrado grande potencialidade de crescimento. É muito utilizada para o preparo de saladas mistas (*mix salad*) que constitui uma mistura de diferentes folhosas. Além de conferir maior atratividade para o consumidor, pode contribuir num processo educativo alimentar para estimular o consumo de saladas pelas crianças. Alface vermelha existe em quase todos os segmentos varietais, com exceção da alface americana. No Brasil a preferência é do tipo crespa, adotando a cv. Banchu New Red Fire como padrão nesse segmento, que ocupa até 900 ha/ano. O conceito da alface vermelha foi desenvolvido para um nicho de mercado da Europa e EUA, que demandam por mini-alfaces. A cultivar padrão é conhecida como Lolla Rossa, porém, não tem adaptação em condições de verão devido ao rápido pendoamento, formação de plantas pequenas e suscetibilidade às principais doenças de ocorrência no Brasil. Para atender ao nicho de mercado de alface vermelha, foi desenvolvida a cv. PiraRoxa pela USP/ESALQ com resistência múltipla ao míldio, LMV e murchadeira. Por ser tropicalizada graças ao seu pendoamento lento, pode ser cultivada o ano todo. É uma contri-

buição da pesquisa pública para dar sustentabilidade à alfacultura nacional que está em constante evolução e demanda de novos produtos e tecnologias de produção.

(Cyro Paulino da Costa; Fernando César Sala; USP/ESALQ; E-mail: cpcosta@terra.com.br; fcfsala@esalq.usp.br)